

***Relatório semanal de Conjuntura
e Mercado Financeiro***

(Período de 23/03/09 a 27/03/09)

Em mais uma semana conturbada, durante a qual a crise continuou a mostrar seus sinais de propagação, outros países divulgaram novas quedas do PIB no quarto trimestre de 2008: Inglaterra (-1,6%), França (-1%), Coréia do Sul (-5,1%). Aqui e no resto do mundo a crise norte-americana continua fazendo vítimas, a queda no PIB nos Estados Unidos foi de 6,3% e, no Brasil, de 3,6%. É verdade que a metodologia norte-americana de calcular de maneira anualizada a variação do PIB amplifica o número negativo para o país, mas o fato é que não vemos sinais claros de melhora no curto prazo. O último trimestre do ano passado foi um desastre para a economia mundial, e a dúvida que impera entre os economistas é como se comportou a atividade econômica no primeiro trimestre deste ano: há quem aposte num agravamento da crise, e há quem acredite que o pior já passou.

Nos Estados Unidos a renda da população está aumentando na comparação com o mesmo mês do ano anterior, mas o consumo está caindo, também na mesma base de comparação. Isso significa que os norte-americanos estão cautelosos e poupando dinheiro, coisa que eles nunca fizeram. É uma reação comum em tempos de incerteza: mesmo quando algum estímulo do governo funciona, a tendência é poupar e não consumir. Se por um lado, esse comportamento impede uma retomada no crescimento, por outro, diminui o risco na economia como um todo. A cautela é sinal de que haverá mais dinheiro para o pagamento de dívidas, e isso significa que haverá menos calotes e atrasos: bom para os bancos e para o mercado imobiliário, que estão contra a parede. O ruim é que ao decidir poupar, o americano deixa de comprar e isso significa menos vendas no comércio e menos encomendas às indústrias, e logo: menos crescimento do PIB. Esse processo de ajuste, com aumento da poupança, é inevitável para sair da crise: antes de voltar a crescer, a economia norte-americana precisa colocar a casa em ordem, ou seja, diminuir o risco. A má notícia é que esse processo deve levar todo o ano de 2009, ou seja, o consumo deve voltar a crescer somente no início

do ano que vem, impulsionando de forma modesta ainda o crescimento do PIB norte-americano.

Esta semana saíram os detalhamentos do carro-chefe de Obama contra a crise: o plano de estabilização financeira do Tesouro. Os detalhes mostram que o governo conseguiu fugir das duas armadilhas que mais incomodavam os analistas: a primeira, de ter que separar ativos bons de ativos podres, resolvida com o anúncio de que os bancos é que dirão que ativos querem vender; e a segunda, de definir preço para estes ativos, que, como estabelecido, será decidido em leilão que determinará os preços dos papéis. Mesmo assim, ainda é muito cedo pra dizer que o plano dará certo, muitas dúvidas ainda persistem, alimentando a incerteza do contribuinte e do investidor, suscitando novos limites por parte dos analistas.

Por aqui, mais uma declaração equivocada do nosso presidente mexeu com a confiança depositada em relação ao correto dimensionamento da crise pelo Governo e nas políticas de recuperação da economia implementadas pelo mesmo. Dizer que a crise não passa de uma gripe é economicamente equivocado quando acompanhamos a forte retração da produção industrial e do PIB, que engendraram o abrupto aumento dos números do desemprego. O problema da análise do presidente é que, mais uma vez, subestima a crise. Subestimar uma crise é não se preparar para ela: péssimo recado do Governo na atual conjuntura.

O problema todo é que a produção industrial despencou e caíram forte também as exportações e as importações, o que sinaliza que tanto a demanda interna quanto a externa estão mais fracas: cenário propício para redução da força de trabalho por parte das empresas. Ciente desta realidade o Governo precisa adotar o melhor remédio para o problema: redução drástica do custo da folha de pagamentos, ou seja, redução de impostos sobre o custo do trabalho. Isso não só ajudaria a evitar novas demissões como também estimularia a criação de novas vagas. Tem efeito imediato e é muito mais relevante do que a redução de

impostos para setores que possuem lobbies fortes, como é o caso da indústria automobilística. O problema é que não vimos e não temos sinais de que veremos isto ser implementado pelo Governo.

Nosso alento esta semana foi o anúncio do plano para habitação. Apesar das críticas negativas em relação à burocracia para efetivação das medidas e as dúvidas em relação à obtenção de recursos para levar o plano adiante, o Governo está trilhando o caminho certo, alocando recursos para quem de fato precisa.

Cenário Internacional

A Organização Mundial do Comércio (OMC) divulgou na segunda-feira relatório com suas novas estimativas para o comércio mundial nesse ano. Como esperado, devido ao aumento das medidas protecionistas tomadas por alguns países como forma de proteger suas economias e a forte queda na demanda mundial, o comércio mundial deverá diminuir ainda mais, com recuo esperado de 9%, queda somente comparada ao período da Segunda Guerra Mundial. Para os países emergentes, a queda nos preços das commodities, aliado a menor oferta internacional de crédito e a demanda enfraquecida, poderá acarretar em uma queda de 3% nas exportações. Ainda assim, os maiores afetados continuariam sendo os países desenvolvidos, com 10% de recuo. A OMC trabalha com uma projeção de queda entre 1% e 2% do PIB mundial esse ano e estima que o déficit de financiamento das exportações já atingiu US\$ 100 bilhões. Na reunião do G-20 em abril, a Organização fará novo apelo contra as medidas protecionistas.

Outra instituição que também vem revendo para baixo suas previsões para o mundo em 2009, o Fundo Monetário Internacional (FMI), mudou sua linha de crédito destinada a países membros, por conta da crise internacional. A nova linha de crédito, chamada de linha de crédito flexível, substituirá a linha de curto prazo e será destinada a países com boas políticas. O objetivo da linha flexível é aumentar os recursos disponíveis para esses países, sem restrições, de forma a oferecer uma maior blindagem destes aos efeitos da crise. A disponibilidade desta linha é bem inferior à linha que ainda está sendo criada pelo fundo (que já conta com recursos do Japão, Europa e Alemanha e pode chegar a US\$ 500 bilhões) para socorrer países com problemas mais graves em seus balanços de pagamentos (como é o caso dos países do Leste Europeu e outros emergentes). O FMI entendeu a necessidade de se redimensionar para voltar a desempenhar seu papel de suporte aos problemas nacionais no âmbito de uma crise mundial.

Nos Estados Unidos, onde tivemos mais uma semana importante para os futuros desdobramentos da crise, as preocupações com a geração de recursos para enfrentar a recessão se tornam cada vez mais evidentes no governo. O Escritório de Orçamento do Congresso norte-americano divulgou suas projeções para o déficit fiscal do país nesse ano, com expectativa de recuo ainda maior do que o esperado pela Casa Branca: o Orçamento espera um déficit de US\$ 1,8 trilhão no ano fiscal de 2009, sendo US\$ 1,4 trilhão o déficit federal no próximo ano. O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, admitiu que o déficit está se tornando insustentável e que deverá comprometer adicionalmente o consumo das famílias no futuro mas, ainda assim, afirmou que começa a ver sinais de retomada para a crise, acreditando que a recuperação poderá ser mais rápida do que em outras ocasiões. Para tanto, o presidente norte-americano visualiza uma provável estabilização no mercado imobiliário, já nos próximos meses, como um dos fatores a contribuir para o fim da crise.

Fora o otimismo e as projeções, o tempo pede ação imediata e efetiva contra a crise, o que Obama continuou a mostrar em mais uma semana de governo. Na terça-feira, o Secretário do Tesouro, Timothy Geithner, revelou os detalhes do Programa Público-Privado de Investimentos, que procura incentivar o setor privado a adquirir os ativos tóxicos que se encontram nos balanços dos bancos com financiamento do governo. Usando entre US\$ 75 e US\$ 100 bilhões do TARP e capital privado, o Tesouro espera que esse programa gere a compra de US\$ 500 bilhões de ativos tóxicos, podendo potencialmente chegar a US\$ 1 trilhão. O Tesouro entrará com o mesmo volume de capital colocado pelo investidor privado, mas o resultado de cada operação também será dividido com o Tesouro e, neste último caso, conseqüentemente com os contribuintes. O FDIC (Federal Deposit Insurance Corporation) terá papel fundamental financiando parte do montante (o FDIC não permitirá que a alavancagem exceda a relação 6 para 1 entre o montante investido e o financiado) e também supervisionando todo o processo dos leilões através dos quais os investidores privados interessados em

adquirir tais ativos farão suas ofertas. Antes, as dúvidas eram: quem iria comprar, como seria o processo de venda e como dar preço em ativo podre. Agora, já se sabe que será feito por um leilão de preço mínimo, em que os fundos, formados nesta parceria público-privada, vão comprar os papéis, em parte com dinheiro público. Ainda não estão claros, porém, os critérios da análise que o FDIC irá realizar com relação ao montante que será garantido e o nível de alavancagem em cada operação. O mercado recebeu com otimismo o anúncio dos detalhes do programa, mas o resultado prático vai depender da confiança no programa e da adesão do setor privado.

Apesar de responder muitas perguntas que os analistas se faziam, o Programa já enfrenta duras críticas. Só para citar um exemplo, o vencedor do Prêmio Nobel de Economia, Joseph Stiglitz, afirmou na terça-feira que o plano do governo americano para limpar os ativos podres dos bancos equivale a um roubo aos contribuintes dos Estados Unidos porque os expõe demais ao risco e dificilmente funcionará se a economia se mantiver fraca. Para Stiglitz, o governo americano está usando o contribuinte para se defender do risco de perda de valor desses ativos, ao mesmo tempo em que oferece potenciais benefícios aos investidores. Para ele, ainda que se retirem dos balanços dos bancos os títulos podres, as preocupações sobre o cenário da economia significam que as instituições financeiras podem não estar dispostas a conceder novos empréstimos, enquanto a perspectiva de uma maior carga para financiar vários planos de estímulo do governo poderia enfraquecer ainda mais os consumidores americanos.

Stiglitz foi citado por sua posição reunir os principais pontos discutidos após o anúncio das medidas, mas outra grande preocupação vem de alguns republicanos em relação aos incentivos oferecidos pelo governo, que poderia acabar financiando mais de 90% dos fundos de investimento para a compra de ativos podres dos bancos.

O ponto é que o sistema financeiro precisa sofrer uma intervenção governamental, o que sempre foi cercado de inúmeros obstáculos para o governo norte-americano. Ciente disso, Geithner apresentou na quinta-feira ao Congresso uma nova proposta de regulamentação dos mercados financeiros que confere ao governo maior poder de controlar grandes entidades e produtos financeiros mais sofisticados. Geithner explicou que a crise atual foi provocada justamente por uma regulamentação financeira frágil e instável, de modo que agora se exige normas mais rigorosas de abertura e transparência. Geithner reforçou a pressão para a questão de ampliar a capacidade de o governo assumir e reestruturar instituições combatidas que ameaçam o sistema financeiro, o Departamento do Tesouro precisando ter autoridade de assumir o controle de qualquer instituição financeira cujo colapso possa ameaçar a economia dos Estados Unidos.

No que diz respeito aos indicadores econômicos do país, o dado final de PIB para o quarto trimestre de 2008 dos Estados Unidos, em termos anualizados, sofreu uma revisão para baixo, de -6,2% para -6,3%, o que significou a maior contração desde 1982. A queda maior nos estoques, que caíram US\$ 25,8 bilhões, foi o principal elemento a puxar esta revisão para baixo, resultando na redução de 0,11 ponto percentual na variação do PIB do quarto trimestre. Além disso, os componentes de investimentos fixos não-residenciais e residenciais também foram revisados para baixo, para -21,7% (ante -21,1%) e para -22,8% (ante -22,2%), respectivamente.

No mercado imobiliário, as vendas de imóveis novos surpreenderam as expectativas do mercado, que esperava uma queda de 2,9% em fevereiro, e cresceram 4,7% na margem e em termos dessazonalizados, chegando a 337 mil unidades, primeiro aumento desde julho do ano passado. Apesar disso, em relação a fevereiro de 2008, as vendas se reduziram em 41,1%. Já os preços medianos continuam caindo (-18,1% em fevereiro). As vendas de imóveis existentes apresentaram crescimento de 5,1% em fevereiro, ante expectativas de

declínio para 4,72 milhões de unidades, depois de uma queda de 5,3% em janeiro. Esse resultado representa o maior aumento desde julho de 2003. O ainda elevado número de ações de despejos tem motivado a venda dos imóveis que retornam ao mercado como resultado dessas ações: na costa leste, as vendas destes imóveis aumentaram 16,6%. Contudo, a continuidade dos despejos só faz aumentar ainda mais os estoques e impulsiona a queda de preços, cuja mediana declinou 15,5% em termos interanuais. Somado a isso, os menores custos das hipotecas tornaram a compra de imóveis mais atraente, embora os números do mercado de trabalho ainda devam segurar as vendas de casas nos próximos meses. O mercado imobiliário americano ainda precisa se recuperar muito para voltar aos níveis anteriores à crise: os estoques de casas colocadas à venda ainda estão muito altos, enquanto o volume de vendas ainda está muito baixo.

Adicionalmente, as encomendas de bens duráveis também surpreenderam ao apresentar crescimento de 3,4% em fevereiro, em relação ao mês anterior. Porém, na base de comparação interanual, a queda chega a 28,4%. Excluindo defesa e aeronaves, houve crescimento de 6,6%, após queda de 11,3% em janeiro e, excluindo transportes, o índice subiu 3,9%. O aumento, no entanto, não compensa as perdas dos meses anteriores, o que sugere que o primeiro trimestre ainda fechará em patamares negativos.

O indicador de atividade industrial Fed de Richmond registrou melhora, passando de -51 em fevereiro para -20 em março. Os componentes de embarques, novos pedidos e emprego também se elevaram, para -15, -20 e -28, respectivamente, depois de atingirem baixas recordes no mês anterior. Apesar disso, vale ressaltar que os níveis ainda são bastante fracos. Em relação às expectativas, os componentes de embarques e novos pedidos para os próximos seis meses subiram ligeiramente em fevereiro para 24 e 22 pontos, respectivamente, em março.

Na Zona do Euro os sinais de deterioração das diferentes economias da região continuam evidentes, aumentando o pessimismo em relação às previsões.

Os PMIs de manufaturados e de serviços da Zona do Euro e Alemanha registraram contração das economias pelo décimo mês consecutivo em março ao permanecerem abaixo de 50 pontos. Entretanto, na margem há um sinal de ligeira melhora, ou pelo menos de freio na piora.

Para a região do Euro, o PMI de manufaturados ficou ligeiramente acima das expectativas de 33,5 pontos, ao registrar 34, significando também uma ligeira elevação em relação ao mês anterior, quando apresentou 33,5. Na mesma direção, o indicador para serviços registrou 40,1 pontos depois dos 39,2 observados em fevereiro, ficando acima do esperado de 39,1.

Para a Alemanha não foi diferente: para manufaturados, o indicador subiu para 32,4 pontos dos 32,1 registrados anteriormente, sendo que era esperado 32. O PMI de serviços registrou 41,7 contra os 41,3 apresentados no mês anterior, surpreendendo os analistas que esperavam 41.

Apesar da tímida elevação dos PMIs em comparação com o mês anterior, não devemos esperar uma melhora expressiva nos próximos meses dado o ritmo acelerado das demissões, além da forte retração da demanda, lembrando que a produção industrial europeia apresentou o seu menor resultado em janeiro.

A balança comercial da Zona do Euro registrou um saldo negativo de 5,5 bilhões em janeiro, ficando abaixo das projeções do mercado de -1,9 bilhão e do déficit no saldo de 1,7 bilhão observado em dezembro. As exportações apresentaram a maior queda dos últimos cinco anos, 10,7% em relação ao mês anterior, com ajuste sazonal. Já as importações recuaram 7,3% na mesma base de comparação. No total, as vendas externas na região do Euro subiram 4,0% em 2008, caracterizando o pior desempenho desde 2003. A conta corrente da região do Euro ficou negativa em 18,2 bilhões no mês de janeiro após registrar 0,7 bilhões em dezembro, um dos menores resultados já registrados.

Na Alemanha, os índices de preços de importação apresentaram recuperação em janeiro ante dezembro, mas permanecem ainda em patamar baixo. Os preços caíram 0,5% depois de registrarem -3,6% no último mês de 2008, abaixo das

expectativas de -0,4%. Já na comparação interanual, os preços atingiram o menor nível dos últimos dez anos, de -5,4% contra os -4,1% apresentados anteriormente, ao passo que era esperada uma queda mais acentuada, de -6,0%. O baixo nível de inflação ainda se deve, principalmente, à queda nos preços de energia, sendo que o núcleo do indicador (que exclui energia) caiu 0,9% na margem e 0,3% em relação ao mesmo período do ano passado.

De acordo com a Pesquisa IFO, o clima dos negócios na Alemanha em março caiu para o seu menor nível dos últimos 26 anos, com 82,1 pontos ante os 82,6 observados em fevereiro. O resultado ficou quase em linha com as expectativas do mercado de 82,2. Sobre a situação corrente, o indicador atingiu o menor resultado da série histórica, passando de 84,3 pontos registrados anteriormente para 82,7, sendo que eram esperados 82,5. Apenas as expectativas para os próximos meses apresentaram uma melhora, subindo para 81,6 pontos depois de marcar 80,9, chegando perto das expectativas de 81,5.

A confiança do consumidor alemão para abril caiu pela primeira vez em sete meses, surpreendendo as expectativas do mercado. De acordo com a Pesquisa GFK, a confiança atingiu 24 pontos ante o recorde de 25 pontos registrados em março, sendo que era esperada a mesma pontuação. Segundo a própria pesquisa, o declínio foi puxado pela preocupação dos trabalhadores de perderem seus empregos, lembrando que a taxa de desemprego no país subiu pelo quarto mês consecutivo em fevereiro.

Na França, os consumidores reduziram gastos no ritmo mais forte em quase um ano em fevereiro, devido a preocupações sobre o desemprego. O gasto do consumidor caiu 2% sobre janeiro, segundo a agência de estatísticas INSEE, ante previsão de queda de 0,8%. Foi a maior variação negativa desde janeiro de 2008. Ademais, em março, a confiança do empresário manteve-se no recorde de baixa, em meio a uma cautela relacionada às fracas encomendas. Outro relatório da

INSEE mostrou que a confiança empresarial permaneceu em 68 neste mês, a mais baixa leitura desde o início da série história em 1976.

Na Finlândia, o Ministério das Finanças informou na terça-feira que o PIB do país, integrante da Zona do Euro sofrerá uma queda de 5% em 2009 e de 1,4% em 2010. Diante do cenário pessimista, o governo prevê uma continuidade do aumento da taxa de desemprego no país, que pode chegar a 9% neste ano. Além disso, a inflação deve continuar a cair, podendo ficar em 1% ao ano.

A Romênia irá receber 20 bilhões de Euros de um grupo liderado pelo FMI para lidar com os efeitos da crise. Do Fundo, o país receberá um empréstimo de 12,95 bilhões de Euros; da União Européia virão outros 5 bilhões de Euros; do Banco Mundial virá mais 1 bilhão de Euros; e do Banco Europeu para Reconstrução e Desenvolvimento mais 1 bilhão de Euros nos próximos dois anos. A Romênia é o terceiro país da União Européia ajudado pelo FMI recentemente, o mesmo já tendo ocorrido com a Letônia e a Hungria.

No Reino Unido, segundo o departamento oficial de estatísticas, o NOS, o PIB contraiu-se 1,6% entre outubro e dezembro de 2008 em relação aos três meses anteriores. Inicialmente, a projeção era de recuo de 1,5. A economia da região também teve queda mais acentuada no quarto trimestre em relação a mesmo período do ano anterior, de 2% e não de 1,9%, como originalmente estimado no mês passado para o intervalo. Conforme levantamento divulgado na sexta-feira, a produção industrial caiu 4,5% no quarto trimestre de 2008 depois de uma queda de 1,8% nos três meses antecedentes, guiada por um declínio acentuado na atividade do setor manufatureiro. A produção do segmento de construção recuou 4,9% nos três meses até dezembro em vez de retração de 1,1% publicada na estimativa anterior. Na indústria de serviços, a produção diminuiu 0,8%. O documento oficial mostrou ainda que gasto dos consumidores diminuiu 1% e o do governo aumentou 1,3%. A formação bruta de capital fixo, um indicativo de investimento, cedeu 1,4%. Para 2008 completo, o PIB do Reino Unido cresceu

0,7%, sem mudança em relação à estimativa anterior e abaixo dos 3% no ano antecedente.

A conta corrente registrou déficit de £ 7,6 bilhões no quarto trimestre do ano passando ante os -£ 8,2 bilhões apresentados no trimestre anterior, aquém das expectativas de -£ 5,9 bilhões.

A piora no mercado de trabalho e a queda da confiança continuam favorecendo a retração do comércio no Reino Unido. As vendas no varejo apresentaram queda pela primeira vez em fevereiro depois de quatro meses consecutivos de resultados positivos. Na margem, as vendas caíram 1,9% contra 0,8% observados em janeiro, ao passo que era esperada uma queda de 0,4%. Em comparação com o mesmo período do ano passado, as vendas registraram o menor resultado dos últimos 13 anos, de 0,4%, depois de subirem 3,8%, abaixo das expectativas de 2,5%.

A inflação no Reino Unido apresentou seu primeiro resultado positivo em fevereiro depois de quatro meses de deflação. O índice de preços ao consumidor (CPI) subiu 0,9% ante -0,7% apresentados em janeiro, acima do esperado pelo mercado, de 0,3%. Em relação ao mesmo período do ano passado o indicador também se elevou, passando para 3,2% depois de registrar 3,0% no mês anterior, sendo que as expectativas eram de 2,6%. O núcleo do índice (que exclui energia, alimentos, álcool e tabaco) subiu 0,7% na margem e 1,6% na comparação interanual. Essa aceleração do nível de preços deve-se, principalmente, à elevação dos preços de alimentos, impulsionada por ganhos nos custos nos vegetais após fracas colheitas na Espanha. Além disso, autoridades monetárias alegaram que o alto custo das importações pode ter pressionado os preços diante do enfraquecimento da moeda britânica, que depreciou algo próximo a 40% nos últimos meses. Apesar do resultado de alta para a inflação, as projeções para a mesma são de queda, reforçadas inclusive pelo Bank of England.

Em sua primeira visita ao Brasil, o primeiro-ministro britânico, Gordon Brown, defendeu a oferta de mais crédito ao comércio internacional. Segundo Brown, são necessários US\$ 100 bilhões, no mínimo, para reativar o fluxo entre os países. A idéia de Brown será apresentada na reunião do G20, em Londres, no próximo dia 2 de abril. O comércio foi o principal ponto da conversa entre os líderes, que se reuniram para discutir propostas para a recuperação da economia mundial. Brown disse que sua visita ao Brasil, às vésperas do G20, é um indicativo da liderança brasileira no sistema econômico mundial. Ainda no contexto do comércio internacional, Brown também defendeu a retomada das negociações de Doha, defendendo o fato de que a recuperação da economia mundial tem de passar pelo comércio. O combate ao protecionismo foi um dos principais temas da primeira reunião dos líderes do G20, em novembro, no entanto, alguns países do grupo têm adotado medidas que contrariam o prometido em Washington. Brown e o presidente Lula também defenderam uma reforma rigorosa do sistema financeiro internacional e afirmaram que vão colocar o assunto sobre a mesa na reunião do G20. Lula também voltou a defender que os países em desenvolvimento não paguem o preço da crise econômica, citando o caso de imigrantes, que, segundo ele, são os primeiros a sofrer e os que menos têm culpa.

No Japão, o ministro das Finanças, Kaoru Yosano, disse no final de semana passado que seu país poderá precisar de um pacote de estímulo à economia da ordem de 20 trilhões de ienes (cerca de US\$ 210 bilhões) para conter os efeitos da crise internacional. O país, entre os mais afetados desde o agravamento da crise, poderá novamente apresentar um resultado anualizado negativo do PIB nesse primeiro trimestre (segundo Yosano, o recuo deverá ficar próximo aos 12,1% do trimestre anterior).

O índice de preços ao consumidor (CPI) japonês caiu de 0,5%, registrado em fevereiro, para 0,2% em março, na comparação interanual, abaixo das expectativas do mercado de 0,3%. Excluindo alimentos frescos, o indicador

apresentou alta de 0,4% depois de subir 0,6%, em linha com as expectativas, sendo que excluindo alimentos e energia, houve queda de 0,4% contra -0,1% do mês anterior, ligeiramente abaixo do esperado de -0,3%. Mesmo com os preços baixos, as vendas no varejo retraíram 0,3% em fevereiro contra queda de -0,1% registrada no mês anterior, sendo que era esperado um declínio de 0,6%, na margem. Na comparação interanual, as vendas atingiram recorde de queda de 5,8%, lembrando que no mês anterior já tinham apresentado contração de 2,4%, bastante abaixo das expectativas de recuo de 3,0%.

As exportações do Japão cederam 49,4% em fevereiro na comparação com um ano antes, seguindo declínio de 45,7% no primeiro mês deste ano. Houve redução dos embarques para os Estados Unidos e Europa com a demanda menor por carros e produtos eletrônicos; e os bens enviados à China cederam quase 40%. Pelos dados oficiais anunciados na quarta-feira, as importações do Japão caíram 43% em fevereiro perante um ano atrás. A balança comercial acabou superavitária em 82,352 bilhões de ienes (US\$ 842 milhões) no mês passado, saldo esse 91,2% mais enxuto do que o registrado em fevereiro de 2008. O resultado implica uma inversão em relação a janeiro deste ano, quando foi apurado déficit comercial.

A crise no setor automotivo segue forte no Japão, e as principais montadoras do país cortaram a produção praticamente pela metade em fevereiro: o maior fabricante de veículos do mundo, o grupo Toyota, promoveu uma redução de 49,6% em sua produção; a Honda, que é o segundo maior grupo do Japão, cortou pouco menos, 42,7%; enquanto a Nissan promoveu queda de 51,3%. A Associação de Fabricantes de Veículos do Japão (JAMA, em inglês) está prevendo queda de 8% nas vendas em 2009.

Na China, o presidente do banco central chinês, Zhou Xiaochuan, afirmou na quinta-feira que as ações tomadas pela China no momento certo para dar suporte à economia estão dando frutos. Zhou disse em relatório que alguns pontos de

recuperação são visíveis e que alguns indicadores importantes estão apontando para a recuperação do crescimento econômico, o que indica que o rápido declínio do crescimento foi detido. Ele enfatizou que o governo reduziu a taxa de juros cinco vezes e diminuiu o depósito compulsório quatro vezes desde setembro, além de ter lançado um pacote fiscal de 4 trilhões de iuans (585 bilhões de dólares) e anunciar medidas para 10 setores industriais.

Esta semana o banco central da China propôs a substituição do dólar como moeda da reserva internacional por um novo sistema global controlado pelo FMI. Zhou Xiaochuan explicou que o objetivo seria criar uma moeda de reserva internacional, desconectada de países específicos e capaz de manter-se estável no longo prazo, evitando as fragilidades inerentes causadas pelo uso de moedas nacionais. Zhou acredita que um novo sistema de reserva poderia ser mais estável e economicamente viável, e defendeu a necessidade dele uma vez que a crise econômica global "mostrou as vulnerabilidades inerentes e riscos sistêmicos no sistema monetário internacional existente". Alguns analistas avaliaram que a proposta indica que Pequim está preocupado com os possíveis efeitos na China das ações que vêm sendo tomadas para ajudar a economia americana.

Em termos de medidas efetivas, a China vai diminuir os impostos sobre exportações de alguns bens têxteis, ferro e aço, metais não ferrosos, petroquímicos, itens de informação eletrônica e de bens industriais leves, a partir de primeiro de abril. O aumento dos abatimentos nos impostos sobre os exportadores já foi concedido várias vezes desde que a demanda global enfraqueceu em meio à crise financeira mundial.

Na Coreia do Sul, o Ministério das Finanças e Estratégia anunciou na terça-feira um orçamento extraordinário de 28,9 trilhões de wons (US\$ 20,7 bilhões) para este ano, o equivalente a 3% do PIB do país. É o maior orçamento impulsionado na Coreia do Sul desde 1998, quando um pacote lançado pelo governo chegou a 13,9 trilhões de wons (US\$ 10,049 bilhões) devido à crise que na ocasião a Ásia

enfrentava. O número de terça-feira se une aos já 284,5 trilhões de wons (US\$ 205,682 bilhões) do orçamento anual para 2009 já aprovado no Parlamento sul-coreano. Do total do orçamento, o governo destacou que 17,7 trilhões de wons (US\$ 12,796 bilhões) serão destinados a despesas adicionais, enquanto o montante restante será usado em gasto fiscal. O orçamento inclui 4,2 trilhões de wons (US\$ 3,036 bilhões) de ajuda em dinheiro, cupons de compra e créditos baratos a pessoas de baixa renda, e outros 3,5 trilhões de wons (US\$ 2,53 bilhões) à geração de emprego e ajudar a empresas. As pequenas empresas com problemas de liquidez e as companhias exportadoras receberão também outros 4,5 trilhões de wons (US\$ 3,253 bilhões). O orçamento será submetido ainda à votação em abril no Parlamento.

Na Tailândia, na tentativa de reativar a economia do país, o Governo começou a distribuir na quinta-feira cheques de ajuda no valor de 2.000 bat (US\$ 55) a mais de dez milhões de trabalhadores. O primeiro-ministro Abhisit Vejjajiva, que entregou os primeiros cheques em Bangcoc, afirmou que a medida ajudará a reduzir os efeitos da iminente recessão no país. A iniciativa faz parte de um pacote de medidas para combater a crise anunciadas em janeiro pelo premier, em um plano que chega a 117 bilhões de bat (US\$ 3,266 bilhões). Está previsto que a economia da Tailândia tenha contração este ano de 3%, a primeira vez que isso ocorre desde a crise financeira asiática de 1997.

Cenário Interno

A pesquisa CNI/Ibope registrou a primeira queda na avaliação do presidente Luiz Inácio Lula da Silva desde 2007, em linha com a pesquisa de popularidade divulgada pela Datafolha, mas ainda mostrando níveis elevados de aprovação. A avaliação positiva do governo caiu de 73% para 64%, ao passo que 78% aprovam o governo (ante 84% na última pesquisa, em dezembro de 2008). A nota média do governo caiu de 7,8 pontos para 7,4. A confiança no presidente também recuou, passando de 80% para 74%, nível semelhante ao registrado em setembro, em meio ao agravamento da crise internacional. A causa econômica parece ter sido a principal para essa redução na avaliação positiva, já que o assunto mais lembrado entre os entrevistados foi a crise financeira internacional e seus impactos sobre o Brasil.

No sentido de retomar o crescimento e reaquecer a economia do país, o Governo federal anunciou na quarta-feira o plano habitacional "Minha casa, Minha vida", que envolve recursos de R\$ 34 bilhões. R\$ 16 bilhões de subsídio para moradias; R\$ 10 bilhões para subsídio em financiamentos do FGTS (sendo R\$ 2,5 bilhões do Orçamento e R\$ 7,5 bilhões do FGTS); R\$ 2 bilhões do Fundo Garantidor em financiamentos do FGTS; R\$ 5 bilhões de Financiamento à infra-estrutura e R\$ 1 bilhão para financiamento à cadeia produtiva. Com isso, o governo prevê a construção de 1 milhão de moradias para famílias com renda de até 10 salários mínimos, com início do plano dia 13 de abril. Segundo estimativas do próprio governo, este programa deverá reduzir em torno de 14% o déficit habitacional do Brasil, de 7,2 milhões de moradias no País concentrado na faixa de até três salários mínimos, segundo dados do IBGE. A FGV-SP fez um estudo apontando para um aumento de 0,7% do PIB no período de um ano por conta do plano habitacional.

O programa habitacional tem várias boas idéias, como a de garantir ao comprador de baixa renda que só pague quando estiver morando, para não ter que somar o custo da prestação ao do aluguel; e o subsídio à taxa de juros que varia de acordo com a renda, maior quanto menor for a capacidade de pagamento do comprador. Contudo, devido ao entrave burocrático que pode causar atraso de até seis meses na efetivação do plano, é certo de que o impacto na atividade econômica não será imediato. Além disso, o problema é que o governo vem usando demais os recursos do FAT e do FGTS para fazer a política econômica: o desemprego está em tendência de alta e isso significa mais saques no fundo do FGTS, que existe prioritariamente para este tipo de situação. Por fim, é importante que o pacote tenha recursos orçamentários explícitos, até porque, o governo está reduzindo gastos, mas está anunciando recursos vultosos para o plano de habitação.

No intuito de dar novo fôlego ao crédito destinado às micro, pequenas e médias empresas e à população de baixa renda, o Conselho Monetário Nacional (CMN) divulgou na quinta-feira novo programa, que visa normalizar os empréstimos concedidos por bancos pequenos. O plano consiste em criar um título, Depósito a Prazo com Garantias Especiais do Fundo Garantidor de Créditos, que atuaria como um Certificado de Depósito Bancário (CDB) Especial. Os bancos poderão emitir esse título, que tem garantia de até R\$ 20 milhões contra perdas em caso de eventual quebra do banco, configurando assim segurança maior do que a garantida pelo Fundo Garantidor, de até R\$ 60 mil. Cada instituição poderá captar até R\$ 5 bilhões, prevendo punição para instituições que ultrapassarem o limite, sendo então obrigatório o repasse de 10% do total captado para o Fundo Garantidor. A expectativa do governo é injetar até R\$ 50 bilhões com o novo programa que não tem prazo para terminar, porém o valor elegível de crédito com a nova medida poderá atingir mais de R\$ 100 bilhões. A decisão do CMN é uma forma de fazer com que os bancos pequenos voltem a emprestar. Depois do susto tomado por estes bancos, que perderam depósitos após a crise de

setembro, eles estão bem, mas não emprestam com medo de perder depósitos novamente. A decisão de que o Fundo Garantidor vai garantir os RDBs desses bancos é para tentar atrair de novo para eles os investidores institucionais. Como são papéis de médio e longo prazo, os bancos pequenos voltarão a emprestar exatamente para quem hoje está sem financiamento, com o retraimento deles: o middle market, as empresas médias. As grandes empresas se financiam nos grandes bancos, mas onde o crédito trava é no meio do mercado.

No mesmo sentido, a CMN elevou o valor máximo dos financiamentos imobiliários, passando de R\$ 245 mil para R\$ 450 mil, sendo que o limite de avaliação do imóvel também subiu: de R\$ 350 mil para R\$ 500 mil. Além disso, as operações de crédito à população de baixa renda e a micro-empresendedores tiveram seus limites ampliados: de R\$ 3 mil para R\$ 5 mil, além do aumento de R\$ 15 mil para R\$ 30 mil do somatório total dessas operações.

Na contramão, a decisão do Conselho Monetário Nacional (CMN) de manter em 6,25% a Taxa de Juros de Longo Prazo (TJLP), taxa de juros utilizada para financiamentos de longo prazo como os de infra-estrutura, pode sinalizar que o caixa do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) já está comprometido. Como esses investimentos demoram muito para dar retorno, o governo precisa oferecer taxas de juros mais baixas que as do restante do mercado para estimular o capital privado a entrar no negócio. Acontece que a taxa de 6,25% era atraente quando a Selic estava em alta, mas, agora, a taxa básica de juros está despencando, com expectativa de que encerre o ano na casa dos 9%, e o que deveria acontecer é uma queda da TJLP para que o capital privado continue tendo estímulo para financiar os investimentos de longo prazo, que só vão dar retorno em 5 ou 10 anos. Por conta da crise internacional, o BNDES foi obrigado a direcionar recursos para grandes empresas brasileiras, como a Petrobras, por exemplo: faltou dinheiro lá fora, e as empresas tiveram de se capitalizar aqui dentro. O resultado pode ser visto agora: o BNDES pode estar

com caixa comprometido e já não tem interesse em diminuir o custo desse dinheiro para estimular a demanda por investimentos de longo prazo, medida que parece um contra-senso, já que o governo quer estimular a economia e fazer políticas anticíclicas justamente com investimentos em infra-estrutura para combater a desaceleração econômica.

Em mais uma tentativa de proteger a demanda, o ministro do Trabalho, Carlos Lupi, anunciou na terça-feira que 103,7 mil trabalhadores demitidos em dezembro terão direito a duas parcelas adicionais do benefício do seguro-desemprego. Os demitidos fazem parte de 42 sub-setores (metalurgia, indústria mecânica, agricultura, transporte, calçados, entre outros) de 16 unidades da federação. Lupi explicou que o critério para a seleção teve como base a média dos meses de dezembro de 2008, janeiro e fevereiro de 2009, em relação ao mesmo período de anos anteriores a partir de 2003. Entraram na conta os sub-setores que apresentaram 30% abaixo dos saldos apurados nesses períodos. O ministro afirmou que como a expectativa do governo é que o resultado melhore já este mês, em termo de novas contratações, a medida não deverá ser prorrogada a não ser que a situação continue ruim. O montante de gasto estimado com a expansão do benefício é de R\$ 126 milhões, valor máximo tendo em vista que o salário desemprego varia de R\$ 465 a R\$ 870.

Todas as medidas anunciadas e todas as já implementadas, porém, não foram suficientes para promover uma retomada consistente do crédito no país. Conforme divulgado pelo Banco Central na nota à imprensa das operações de crédito, o crédito continuou mostrando desempenho fraco em fevereiro, em especial a carteira de pessoa jurídica. O crédito à pessoa física segue desacelerando, mas a composição das concessões médias em fevereiro foi um pouco melhor, já que na margem houve ligeira recuperação das linhas de aquisição de veículos e crédito pessoal. Em fevereiro, o volume total de crédito do sistema financeiro nacional alcançou R\$ 1,23 bilhão, apresentando crescimento

de 0,3% (em termos deflacionados e dessazonalizados) em relação a janeiro de 2009. Com isso, a relação crédito/PIB atingiu 41,6% ante 41,5% no mês anterior. Contudo, a taxa anual de crescimento do estoque total (considerando a soma de recursos livres e direcionados) continuou desacelerando em fevereiro (28,3%, na variação interanual). Quando analisamos somente os recursos livres, vemos que o estoque de pessoa física continuou em queda, sendo que a variação interanual passou de 23,2% em janeiro para 22,3% em fevereiro, a menor taxa de crescimento desde a retomada do crescimento em meados de 2007. A concessão média diária de pessoa física (que não inclui leasing), por sua vez, apresentou queda na margem de 4,1%, apesar da composição das modalidades ter sido melhor, já que as linhas ligadas ao consumo (crédito pessoal e aquisição de veículos e de bens), após meses de queda, apresentaram crescimento de 5,1% na margem. Já a trajetória da carteira de pessoa jurídica foi a que mais chamou atenção pela sua desaceleração: o crescimento interanual do estoque da carteira passou de 37,6% em janeiro para 32,9%, com contração de 1,4% na margem. As concessões médias mostraram ligeiro aumento de 1,66%, depois da forte queda em janeiro (-6%). Por fim, a inadimplência da carteira de pessoa física mostrou ligeira aceleração (atraso acima de 90 dias), passando de 8,2% para 8,3%; e para a carteira de pessoa jurídica o aumento na taxa de inadimplência (atraso acima de 90 dias) passou de 2% para 2,3%.

Reforçando esta idéia, o BNDES desembolsou 23,8% a mais de recursos em fevereiro deste ano do que no mesmo mês do ano passado, chegando a R\$ 5,4 bilhões. No entanto, o aumento nos desembolsos não reflete um aumento na demanda por crédito, pois os pedidos de financiamento recuaram 62,3% na mesma base de comparação. Para o BNDES, a queda na demanda por crédito é resultado do PIB negativo registrado no último trimestre do ano passado e, segundo o banco, ainda não se pode afirmar que este recuo esteja ligado a uma queda nos investimentos por conta da crise.

Com o atual cenário de redução da atividade, com aumento do desemprego e da incerteza, a Sondagem ao Consumidor da FGV mostrou recuo de 0,7% em março na confiança do consumidor, passando de 94,9 para 94,2 pontos, configurando assim novo recorde negativo na série já com ajuste sazonal. Entre os componentes do índice, o da avaliação em relação à situação atual apresentou nova deterioração, caindo para 1,1%. O indicador de expectativas se manteve estável no mês, com 92,6 pontos, ainda em patamar bastante baixo. Na comparação com o mesmo mês do ano passado, a queda continua bastante forte: a confiança do consumidor passou de 120,8 para 99,2 pontos, uma queda de 17,9%. A avaliação da situação atual também registrou queda nessa base de comparação, -19,3%.

O cenário negativo é confirmado pela taxa de desemprego medida pelo Seade/Dieese, que ficou em 13,5% em fevereiro, acima da média observada no segundo semestre de 2008. Em termos dessazonalizados, a taxa acelerou para 13,6% em fevereiro ante 13,1% em janeiro. No mesmo sentido, a população ocupada em fevereiro cresceu apenas 0,7% em comparação ao mesmo mês de 2008, sendo que em 2008 o crescimento foi de 4,4%. Esta desaceleração da população ocupada foi observada em todos os setores cobertos pela pesquisa (indústria, serviços e comércio).

Já segundo a Pesquisa Mensal do Emprego (PME) divulgada pelo IBGE, a taxa de desemprego ficou em 8,5% em fevereiro, abaixo da mediana do mercado de 9,0%. Excluindo os efeitos sazonais, a taxa de desemprego desacelerou para 8,2% em fevereiro, ante 8,6% em janeiro. A População Economicamente Ativa (PEA) desacelerou, crescendo apenas 1,1% na variação interanual, ante alta de 1,8% em 2008. Além disso, a taxa de ocupação subiu apenas 1,4% quando comparado com fevereiro de 2008, e caiu 0,2% na margem com ajuste sazonal (variações menores do que as observadas ao longo de 2008). O destaque da pesquisa ficou com o ainda crescimento do rendimento real: em comparação a fevereiro de 2008, o rendimento real subiu 4,6%, acumulando no ano um crescimento de

5,2%, maior do que o verificado em 2008 de 3,4%, e em relação a janeiro de 2009 ficou estável, após ter subido 2,2% no primeiro mês deste ano. Com isso, a massa salarial subiu 6,2% na comparação com o mesmo período do ano passado e apresentou queda de 1,7% na margem com ajuste sazonal.

A ocupação na indústria foi a principal afetada pelos efeitos da crise financeira em fevereiro nas seis regiões metropolitanas analisadas pelo IBGE, na PME. No mês passado, houve queda de 3,2% na população ocupada do setor em relação ao mês anterior, o maior recuo entre janeiro e fevereiro desde o início da série histórica, em 2002. A queda significou a perda de 117 mil empregos na indústria. O desempenho da indústria foi o principal responsável pela queda de 1% na população ocupada em fevereiro, o que significou a perda de 211 mil empregos em relação a janeiro. As demissões nas indústrias também contribuíram para a redução do emprego com carteira no setor privado, que recuou 1,1%, com 109 mil vagas a menos, embora o IBGE tenha considerado o declínio desprezível estatisticamente.

Em relação às projeções do Governo, segundo a Pesquisa Focus, referente à semana até 13 de março, a previsão para o crescimento do PIB foi revista de 0,59% para 0,01%. É a terceira semana seguida de redução das projeções, que há um mês apontavam alta de 1,50% este ano. A projeção para a produção industrial também ficou pior: caiu de -1,59% para -2%. Com a queda nas expectativas de inflação, o mercado já prevê a Selic em 9,25% no final do ano, com uma redução de 0,50 ponto percentual na pesquisa desta semana. A projeção para o IPCA caiu de 4,52% para 4,42%, já abaixo do centro da meta definido pelo Banco Central (BACEN), que é 4,5%. A estimativa para o IGP-DI caiu de 3,69% para 3,18%. Para o IGP-M, a redução foi de 3,45% para 3,17%. Para a taxa de câmbio de final de período de 2009, houve estabilidade de R\$/US\$ 2,30, assim como para 2010, que permaneceu em R\$/US\$ 2,30.

Olhando para os dados reais da economia, o IPC-S da terceira semana de março subiu 0,46%, acelerando em relação à semana anterior, quando registrou 0,37%. O grupo alimentação voltou a pressionar, subindo 0,73% na semana. Destaque para os movimentos dos grupos vestuário e despesas pessoais: o primeiro diminuiu a deflação que vem apresentando desde meados de janeiro e registrou -0,05%, e o segundo voltou a acelerar depois de algumas semanas com pequenas elevações, chegando a 0,37%.

O IPCA-15 registrou alta de 0,11% em março, bastante abaixo do esperado pelo mercado, que projetava algo em torno de 0,25%. A desaceleração em relação ao registrado no IPCA de fevereiro já era esperada, devido à saída do reajuste de educação do índice, porém esse movimento foi muito mais rápido e intenso do que o projetado. A diminuição se deu de forma generalizada entre os grupos, com exceção de vestuário e despesas pessoais. O grupo alimentação registrou nova desaceleração, para 0,21%, com a expressiva queda de cereais, com destaque para o recuo de arroz e feijão, além de tubérculos e carnes (para o fechamento do mês, contudo, esse grupo poderá voltar a acelerar, já que nos últimos dias os preços dos produtos in natura têm subido novamente). O grupo de transportes apresentou deflação de 0,04%, com a saída dos diversos reajustes ocorridos nesse primeiro trimestre. Destaque também para a queda de 0,43% no grupo educação, comportamento não usual, que pode ser decorrente da demanda enfraquecida no mercado interno. Já os serviços, que tinham mostrado algum sinal de alerta nos primeiros dois meses do ano por ainda se manterem em níveis elevados, desaceleraram fortemente, para 0,11%, diminuindo a pressão desse grupo sobre os índices prospectivos e confirmando uma trajetória benigna para a inflação. Por fim, o núcleo por exclusão passou de 0,88% para 0,08%, patamar bastante baixo quando comparado ao registrado no mesmo mês dos anos anteriores.

O IPC-FIPE referente à terceira semana de março registrou alta de 0,29%, ligeira aceleração em relação a semana anterior (0,25%). Este resultado vem de

movimentos contrários no índice: de um lado alimentação voltou a pressionar, principalmente por conta dos alimentos in natura, e subiu 0,54%; por outro lado, temos transporte (0,14%), saúde (0,13%) e habitação (0,21%) desacelerando e contribuindo para uma aceleração menor. Destaque também para o movimento do grupo vestuário, que vem diminuindo a deflação (-0,11%) em que se mantém desde janeiro.

A Previdência Social registrou em fevereiro um déficit de R\$ 2,587 bilhões, o que representou uma queda de 59,3% frente ao resultado de janeiro. O desempenho se deve a arrecadação líquida de R\$ 13,169 bilhões e despesas de R\$ 15,756 bilhões com o pagamento de benefícios. A queda no déficit foi provocada pelo aumento de 9,1% das receitas com recolhimento de contribuições no mês de fevereiro, também na comparação a janeiro. Apesar disso, no acumulado do ano, a Previdência Social registrou déficit R\$ 8,944 bilhões, um aumento de 17,9% frente ao resultado registrado nos dois primeiros meses do ano passado, que foi de R\$ 7,586 bilhões.

O Tesouro Nacional informou na terça-feira que a dívida mobiliária federal interna voltou a subir em fevereiro, e somou 1,247 trilhão de reais, alta de 2,15% frente ao estoque do fim de janeiro, de 1,221 trilhão de reais. No mês, houve uma emissão líquida de títulos no valor de 14,94 bilhões de reais e a apropriação de juros somou 11,36 bilhões de reais. A participação da dívida cambial sobre a total, incluindo os contratos de swap, caiu para 3,31%, frente a 3,43% em janeiro. A parcela dos títulos prefixados, considerados melhores para o gerenciamento da dívida, teve um leve aumento para 28,40% em fevereiro ante 28,04% em janeiro. Os papéis atrelados à Selic subiram para 36,46%, contra 36,21% em janeiro. No mesmo período, a participação dos títulos corrigidos por índices de preços passou para 30,25%, ante 30,70% em janeiro.

O Banco Central divulgou na terça-feira nota à imprensa sobre o Setor Externo, em que mostrou que o balanço de pagamentos foi superavitário em US\$ 113

milhões em fevereiro. As transações correntes registraram déficit de US\$ 591 milhões no mês, acumulando assim US\$ 25,7 bilhões em doze meses, o que representa 1,73% do PIB. A conta de serviços reduziu seu déficit em relação ao mesmo período do ano passado, -US\$ 886 milhões. Movimento semelhante ocorreu com as remessas líquidas de renda para o exterior, que caíram 4,6% na comparação interanual, variação que pode ser explicada pela redução nas remessas de lucros e dividendos como reação ao arrefecimento da economia doméstica. Os investimentos estrangeiros diretos, conta que vem financiando o déficit em conta corrente, registraram ingresso líquido de US\$ 1,968 bilhão, resultado excelente dado o cenário externo. As reservas internacionais, pelo conceito de liquidez, recuaram US\$ 1,4 bilhão no mês passado, somando US\$ 199,4 bilhões. Por fim, a dívida externa total sofreu nova redução, para US\$ 198,4 bilhões, com redução da dívida de curto prazo.

O Banco Central melhorou a sua previsão de déficit nas transações correntes do país para este ano. Agora a autoridade monetária fala em saldo negativo de US\$ 16 bilhões, 36% menor do que os US\$ 25 bilhões esperados até então. A mudança veio, sobretudo, da revisão das remessas de lucros e dividendos, que passaram de US\$ 20 bilhões para US\$ 15 bilhões, e do saldo da balança comercial cujo superávit esperado agora é de US\$ 17 bilhões, US\$ 3 bilhões a mais do que a estimativa anterior. O BACEN melhorou as projeções sobre os gastos com juros (US\$ 9 bilhões para US\$ 8,2 bilhões). Dos itens principais que compõem a conta corrente do país, a única que o BACEN piorou a sua expectativa foi a dos gastos com viagens internacionais, cuja conta passou de US\$ 1,5 bilhão para US\$ 2,5 bilhões. O BACEN também piorou a projeção para os investimentos estrangeiros diretos neste ano: de US\$ 30 bilhões para US\$ 25 bilhões.

A balança comercial brasileira registrou superávit de US\$ 619 milhões na terceira semana de março. O total das exportações chegou a US\$ 2,793 bilhões, com média diária de US\$ 558,6 bilhões, ao passo que as importações somaram no

período US\$ 2,174 bilhões (cuja média diária foi de US\$ 434,8 bilhões). No mês, o saldo comercial acumula US\$ 1.041 milhões. Importante mencionar que o déficit da conta de petróleo e derivados acumula US\$ 715 milhões no mês de mar/09, ou seja, o saldo comercial sem petróleo é ainda mais elevado neste período (US\$ 1.756 milhões). O total das exportações no mês representou queda de 15,5% em relação à média registrada no mesmo mês do ano passado e, na base de comparação dessazonalizada houve queda de 1%, influenciada pelo arrefecimento das exportações de petróleo, uma vez que a média diária das exportações sem petróleo subiu 4,6% na margem. Pelo lado das importações, houve elevação de 5% em relação ao mês de fevereiro, já considerando o ajuste sazonal, recuperação que não aconteceu na comparação com março de 2008 (-20,3%).

Segundo divulgado pela Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB), a receita das exportações de produtos manufaturados apresentou uma queda de 34% entre janeiro e fevereiro desse ano em relação ao mesmo período do ano passado. A diminuição da oferta de crédito e o recuo da demanda internacional foram fundamentais para esse resultado, configurando-se como a primeira queda na comparação interanual desde 1999. A receita total de exportações recuou US\$ 6,6 bilhões no ano, na comparação interanual, sendo que desta redução total da receita 70% é explicada pela contração das exportações de produtos manufaturados. Cabe destacar que dentre os setores com maiores perdas estão: automobilística, vendas de máquinas, bombas e compressores, aviões e celulares. Para a AEB, o efeito negativo sobre o mercado de trabalho ainda poderá ser sentido, já que, segundo estimativas da própria associação, cada US\$ 1 bilhão de exportação de manufaturados gera 50 mil empregos.

Mercado Financeiro

Em mais uma semana de volatilidade no mercado financeiro mundial, a Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) acompanhou os principais mercados acionários mundiais, alternando resultados no território positivo e no território negativo ao longo da semana. Apesar da volatilidade, a semana foi marcada pela euforia dos mercados com os anúncios de políticas nacionais para o combate à crise financeira, com destaque para o plano norte-americano para o setor financeiro e o plano para habitação aqui no Brasil. Os balanços corporativos continuaram a influenciar os cursos dos papéis, em uma semana onde as ações ligadas ao setor financeiro no mundo e à construção civil no Brasil estiveram em destaque.

Os investidores estrangeiros continuaram ampliando as compras na Bovespa. De acordo com dados da própria Bovespa, o saldo de negociação direta no acumulado do mês até o dia 20 de março estava positivo em R\$ 906 milhões. Sendo que até o dia 6 de março, o saldo era negativo em R\$ 1,17 bilhão. No período, os não residentes efetuaram compras de R\$ 20,426 bilhões, enquanto as vendas somaram R\$ 19,519 bilhões. Mantido tal movimento, março pode marcar o segundo mês seguido de saldo estrangeiro positivo na Bovespa. Em fevereiro, as compras superaram as vendas em R\$ 544 milhões, o primeiro mês com saldo positivo desde maio de 2008.

Analisando a semana no detalhe, a semana começou de maneira eufórica nos mercados brasileiros e internacionais depois que o Tesouro dos Estados Unidos detalhou o funcionamento dos fundos público-privados que comprarão os ativos podres que estão nas carteiras dos bancos. A idéia é que, sem esses ativos ilíquidos na carteira, as instituições possam voltar a liberar crédito a empresas e consumidores. Na segunda-feira mesmo, algumas empresas privadas como a

Pimco e o BlackRock já demonstraram interesse em participar do programa. A reação mais acentuada foi captada pelo Ibovespa, principal índice da Bovespa, que teve a segunda maior alta do ano na segunda-feira ao subir 5,89%, para os 42.438 pontos. Tal patamar de preço não era observado desde 6 de fevereiro. O giro financeiro também foi elevado, passando de R\$ 4,7 bilhões e as compras foram generalizadas, com destaque para os bancos e as empresas de commodities.

Em Wall Street, os ganhos foram ainda mais acentuados. O Dow Jones teve alta de 6,84%, para 7.775 pontos, e o S&P500 ganhou 7,08%, a 822 pontos. Esses foram os maiores ganhos percentuais diários desde 28 de outubro para ambos indicadores. O Nasdaq Composite se valorizou 6,76%, a 1.555 pontos. Também contribuíram para as compras os dados sobre as vendas de casas usadas nos Estados Unidos, maior alta desde julho de 2003. Os papéis de bancos responderam pelas maiores altas do dia, com as ações do Citigroup subindo 19,5% e as do Bank of America avançando 26%. Tanto o índice de bancos KBW quanto o índice financeiro S&P para o setor bancário subiram quase 20%, embora ainda permaneçam desvalorizados mais de 23% ao longo do ano.

As bolsas da Europa encerraram em alta, seguindo o avanço de Wall Street e por um número de vendas de moradias usadas melhor do que o esperado. O índice FTSEurofirst 300 subiu 3,01%, para 739 pontos. O indicador registrou valorização pela terceira sessão consecutiva. BNP Paribas, Santander, Barclays, Deutsche Bank, HSBC e UniCredit subiram entre 4,6% e 15,1%. Em Londres, o índice Financial Times fechou em alta de 2,86%, a 3.952 pontos. O DAX, de Frankfurt, ganhou 2,65%, para 4.176 pontos. Na bolsa de Paris, o índice CAC-40 subiu 2,81%, para 2.869 pontos. O Mibtel, de Milão, registrou alta de 4,66%, a 12.678 pontos. Em Madri, o índice Ibex-35 saltou 3,14%, para 7.952 pontos. O PSI20, de Lisboa, avançou de 2,63%, a 6.308 pontos.

No continente asiático, a bolsa de Hong Kong fechou com forte alta de 4,78% e no Japão, a valorização foi de 3,39%.

No cenário corporativo, o Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos denunciou à Justiça do Trabalho que a Embraer destinou R\$ 50 milhões de bônus (valor que seria suficiente para o pagamento de mil trabalhadores em um período de 1 ano) para 12 diretores, a serem pagos no período de abril de 2008 a abril de 2009. A empresa negou este pagamento de bônus e divulgou que o valor seria um limite de dispêndio com seus administradores, e que todos os empregados da empresa possuem direito à participação nos lucros.

As ações da Gol estiveram entre as maiores quedas do Ibovespa, influenciadas pelo resultado da empresa no quarto trimestre de 2008 e pelo anúncio de aumento de capital de R\$ 203,5 milhões, mediante a emissão de papéis ON e PN. No quarto trimestre de 2008, a Gol apresentou um prejuízo líquido de R\$ 687,06 milhões, ante resultado negativo de R\$ 6,49 milhões em igual intervalo do ano anterior. No acumulado do ano de 2008, o prejuízo chega a R\$ 1,38 bilhão, ante lucro de R\$ 268 milhões registrado em 2007. As ações PN da Gol fecharam em queda de 7,05%.

A Copel (Companhia Paranaense de Energia) anunciou que no quarto trimestre de 2008 apresentou um lucro líquido de R\$ 179,7 milhões, valor 42,4% inferior ao obtido no mesmo período de 2007. No acumulado de 2008, a companhia registrou um lucro líquido de R\$ 1,08 bilhão, ante o resultado de R\$ 1,11 bilhão apurado no ano anterior.

As ações relacionadas ao setor financeiro também estiveram entre os destaques do Ibovespa, embaladas pelas notícias externas. As ações do tipo units do Unibanco operaram com ganhos de 12,16%, as PN do Itaú subiram 9,63%, os

papéis PN do Bradesco valorizaram 7,39% e as ações ON do Banco do Brasil fecharam em alta de 7,10%.

As blue chips, Vale e Petrobrás, operaram com fortes ganhos nesta sessão, influenciadas também pela valorização de suas respectivas commodities no mercado externo. Em relação à Petrobrás, os petroleiros brasileiros prometeram entrar em greve por 5 dias. As ações PNA da Vale e PN da Petrobrás encerraram com valorização de 4,80% e 6,05%, respectivamente.

Seguindo a euforia da segunda-feira, a terça-feira foi de realização de lucros na Bovespa. Os setores de commodities e bancos puxaram as vendas na Bovespa e, com isso, o Ibovespa caiu 2,27%, encerrando aos 41.475 pontos. O giro financeiro somou R\$ 4,14 bilhões. O dólar ensaiou alta, mas acabou registrando mais um pregão de baixa contra o real, e os juros futuros seguiram ajustando para cima. Sem indicadores relevantes na agenda do dia, o foco recaiu sobre os pronunciamentos do presidente do Federal Reserve, Ben Bernanke, e do secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Timothy Geithner, que falaram sobre os bônus concedidos os executivos da AIG perante o Comitê de Serviços Financeiros do Congresso dos Estados Unidos. Tanto Bernanke quanto Geithner pressionaram os congressistas para ganharem novos poderes para fechar empresas financeiras de maneira ordenada.

Dia de correção também em Wall Street, onde o Dow Jones recuou 1,49%, para 7.660 pontos. O S&P500 diminuiu 2,03%, a 806 pontos. O Nasdaq Composite cedeu 2,52%, a 1.516 pontos.

Os mercados asiáticos encerraram em alta na terça-feira, seguindo os ganhos verificados na segunda-feira em Wall Street, de mais de 6% no Dow Jones e Nasdaq, depois de o Tesouro americano detalhar o plano para livrar os bancos de ativos podres. Os agentes deram atenção ao movimento das ações do setor financeiro, como HSBC, Mizuho Financial Group, Shinsei Bank e Korea Exchange

Bank, e a papéis do setor de matérias-primas, como Rio Tinto e BHP Billiton. Em Tóquio, o Nikkei 225 aumentou 3,32%, somando 8.488,30 pontos. O Hang Seng, de Hong Kong, teve elevação de 3,44%, ficando em 13.910,34 pontos. Em Seul, o indicador Kospi avançou 1,85%, atingindo 1.221,70 pontos. O Shanghai Composite, de Xangai, subiu 0,56%, para 2.338,42 pontos.

Os principais índices acionários europeus encerraram em direções distintas, após os fortes ganhos de segunda-feira. A bolsa londrina passou por ajuste e realização de lucros de curto prazo. Já em Frankfurt o setor bancário voltou a comandar o ganho da bolsa. O FTSE-100, de Londres, fechou com queda de 1,05%, aos 3.911 pontos. Em Frankfurt, o DAX subiu 0,26%, para 4.187 pontos. O CAC 40, de Paris, encerrou com valorização de 0,17%, aos 2.874 pontos. Se ajustando, as ações do HSBC caíram 6,3% após ganho de mais de 13% na segunda-feira; o Lloyds fechou com desvalorização de 5,7%; e as ações do Barclays terminaram com queda de 3,1%. No segmento de mineração, que também avançou muito nos últimos dias, a queda mais relevante foi da Antofagasta, cujos papéis cederam 6,6%. No caso da Xstrata, a perda foi de 5,6%. Na bolsa alemã também houve recuo de papéis do setor de matéria prima, mas as ações do Deutsche Bank subiram 4,5% após o diretor executivo da instituição, Josef Ackermann afirmar que o banco teve um bom começo de ano e que deve voltar a ter lucro. Em Paris, destaque para os papéis da ArcelorMittal que subiram 3,3% após a empresa adiantar que o lucro operacional deve ficar em torno de US\$ 1 bilhão no primeiro trimestre deste ano.

No cenário corporativo, a temporada de balanços do ano de 2008 contou com a divulgação do resultado da Perdigão, que apurou um lucro líquido de R\$ 54,37 milhões no período em questão, apontando uma queda de aproximadamente 83,08% quando comparado com o saldo positivo de R\$ 321,31 milhões registrado no ano anterior. As ações ON da empresa sofreram a maior desvalorização do dia.

A Brascan Residential Properties informou que em 2008, registrou um lucro líquido de R\$ 102,84 milhões, apontando uma queda quando comparado ao montante de R\$ 145,26 milhões registrado no ano de 2007. Os papéis ON da empresa, que não integram o Ibovespa, operaram em queda.

A Petrobrás informou à ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis) duas novas descobertas de indícios de hidrocarbonetos. Segundo a notícia, foram encontrados vestígios de petróleo nos blocos POT-T-394 e POT-T-558, ambos localizados no Rio Grande do Norte. As concessões dos poços são detidas pelos consórcios da Petrobrás com as petrolíferas Petrogal e Partex, ambas de Portugal.

Além disso, a Petrobrás informou que, no primeiro dia de greve dos petroleiros em todo o país, acionou o plano de contingência em algumas das suas unidades para garantir a normalidade da produção e do abastecimento de derivados de petróleo e gás natural no país, reforçando que não há risco de desabastecimento.

O Banco Cruzeiro do Sul comunicou na terça-feira que fechará um novo contrato de troca de resultados de fluxos financeiros futuros (swap) com o Banco UBS Pactual envolvendo de um lado a variação de preço de suas ações preferenciais e, do outro, a variação do CDI. De acordo com comunicado divulgado pela companhia, esse tipo de contrato demonstra a confiança da empresa no potencial de valorização de suas ações, pois o banco está pagando a variação do CDI e recebendo a variação de seus papéis PN. O volume nominal (teórico) do contratado é de R\$ 28,9 milhões, tendo a operação sido contratada pelo prazo de 368 dias. O contrato estabelece ainda que o UBS Pactual participará de um determinado percentual de valorização das ações, ajustado pela variação do CDI, e que o resultado do contrato, ao final de seu prazo, será liquidado financeiramente. O Cruzeiro do Sul informou, ainda, que o contrato de swap

firmando em abril do ano passado foi liquidado ontem. Tal operação de swap tinha valor nocional de até R\$ 50 milhões.

A WEG anunciou que os 9,6 mil trabalhadores da WEG Motores, em Santa Catarina, farão uma votação no dia 30 para aprovar ou não a proposta da empresa de redução de jornada de trabalho, com redução salarial. A medida, se aprovada, ocorrerá logo após a empresa ter fechado sua fábrica de Guarulhos (SP), voltada à produção de motores para eletrodomésticos, com demissão de 370 pessoas, por conta da queda de demanda provocada pela crise econômica mundial.

Na terça-feira a Iata, associação mundial do setor de aviação, informou que as companhias aéreas do mundo devem perder 4,7 bilhões de dólares este ano, como resultado da recessão global que encolheu o tráfego de passageiros e a demanda por cargas. A Associação Internacional de Transporte Aéreo estimava em dezembro que a indústria perderia 2,5 bilhões de dólares em 2009. A Iata, que representa 230 companhias aéreas incluindo British Airways e United Airlines, também aumentou a estimativa das perdas das companhias aéreas internacionais em 2008 para 8,5 bilhões de dólares, ante previsão anterior de 8 bilhões de dólares. O órgão suíço informou que sua nova previsão é baseada na perspectiva de que a economia e a demanda por transporte aéreo vão atingir o fundo do poço em meados de 2009 e então começar a se recuperarem.

A Embraer informou na segunda-feira, após o encerramento dos negócios, um acordo com a Força Aérea Equatoriana para vender 24 aeronaves turboélice Super Tucano, que serão usadas em missões de vigilância de fronteiras e treinamentos de pilotos.

As ações ON da Tim Participações figuraram entre as maiores altas do Ibovespa na terça-feira, influenciadas pela notícia de que a CVM (Comissão de Valores Mobiliários) manteve a determinação de que o consórcio Telco - controlador da

Telecom Italia - deverá lançar uma OPA (Oferta Pública de Aquisição de Ações) aos acionistas minoritários da operadora de celulares.

As ações ON da Redecard também estiveram entre as maiores altas de terça-feira, em dia de fechamento do book da oferta secundária de ações. A demanda maior do a que esperada pelas ações da Redecard na oferta secundária que o Citibank está realizando influenciou positivamente os papéis da processadora de cartões. Rumores de que o Itaú Unibanco compre 24.082.780 papéis, elevando assim sua participação no capital da Redecard de 46,42% para 50%, também animou os investidores.

O pagamento de um bônus milionário ao presidente da fabricante de autopeças Valeo, Thierry Morin, que deixa o cargo, enquanto a empresa recebe ajuda do governo francês e prepara cortes maciços de empregos despertou fortes críticas sobre o comportamento de empresas e mercados financeiros na França. O último escândalo estourou na terça-feira, quando foi divulgado que Morin receberia um bônus de 3,2 milhões de Euros (US\$ 4,36 milhões). A Valeo, que recebeu ajuda estatal como parte de um pacote de resgate do governo para a indústria automotiva francesa, se prepara para demitir cinco mil funcionários, sendo 1.600 na França.

A quarta-feira foi bastante movimentada nos mercados brasileiros, especialmente na Bovespa e no segmento de juros futuros. Já o dólar manteve o comportamento lateral, fechando com leve alta. As atenções do dia ficaram voltadas para o anúncio do plano "Minha Casa Minha Vida", que destinará R\$ 34 bilhões para a construção de 1 milhão de moradias populares nos próximos anos. Na Bovespa, a notícia teve efeito sobre o setor de construção, mas ele ficou restrito ao período da manhã, quando os papéis das empresas avançaram. Passado o otimismo inicial, os agentes ponderam que ainda precisam fazer

algumas contas para saber que empresas vão se beneficiar de fato com tal plano. Fora isso, também surgiram questionamentos sobre a execução do projeto.

Tais notícias estimularam um forte movimento comprador no período da manhã tanto aqui quanto em Wall Street. À tarde, resistências técnicas atingidas pelo Dow Jones estimularam uma correção de preço, que arrastou a Bovespa para as mínimas do dia. O humor mudou novamente no fim da sessão, fazendo com que o dia terminasse com variação positiva nos indicadores.

Por aqui, o Ibovespa garantiu alta de 0,78%, encerrando aos 41.799 pontos. O giro financeiro ficou em R\$ 4,69 bilhões.

No âmbito corporativo, o destaque da abertura ao fechamento do pregão ficou com a ação ON da Redecard, que subiu 7,74%, para R\$ 26,99, maior alta dentro do índice. O ativo também movimentou mais de R\$ 322 milhões, terceiro maior volume do dia.

Na terça-feira, foi anunciado o preço de emissão das ações que o Citigroup está vendendo na companhia de meios de pagamento. O valor foi fixado em R\$ 24,50, contrariando expectativa de forte desconto de preço. Segundo operadores de mercado, parte da alta pode ser atribuída à cobertura de posições vendidas. Investidores ficaram vendidos no papel esperando para recomprar a ação a um preço menor na oferta, mas, como isso não aconteceu, esses agentes tiveram que correr atrás do prejuízo. Outra questão levantada pelos operadores e que também está relacionada ao preço do papel é que muitos investidores institucionais limitaram o valor que gostariam de pagar pela ação. Como o preço surpreendeu para cima, suas ordens não foram colocadas e eles tiveram que ir a mercado fazer a compra.

Na Bolsa de Valores de Nova York (Nyse, na sigla em inglês), o Dow Jones subiu 1,17%, para 7.749 pontos. O S&P500 aumentou 0,95%, a 813 pontos, e o Nasdaq Composite teve acréscimo de 0,82%, a 1.528 pontos.

A maioria das bolsas asiáticas fechou com queda na quarta-feira, em meio a notícias dos graves efeitos da crise sobre as economias da região. No Japão, a situação continua a preocupar, com as exportações do país caindo 49,4% em fevereiro na comparação com o mesmo período do ano passado. Na China, a gigante petrolífera PetroChina mostrou as conseqüências da retração da demanda ao divulgar uma queda de 22% no lucro líquido referente ao acumulado de 2008, a primeira redução no ganho anual desde 2001, devido às oscilações no preço do petróleo e custos mais altos. Diante das notícias negativas, os mercados foram puxados para baixo, com destaque para as ações da Panasonic, com queda de 3,5% em Tóquio. A Mitsubishi Tanabe Pharma também pressionou as bolsas japonesas, com perdas de 14%. O índice Nikkei 225 de Tóquio cedeu 0,10%, aos 8.479,99 pontos. Em Xangai, no Shanghai Composite, a queda foi de 2%, aos 2.291,56 pontos, enquanto o Hang Seng, de Hong Kong, declinou 2,07%, aos 13.622,11 pontos. Em Seul, no entanto, o encerramento das operações ficou no campo positivo, com o Kospi valorizando 0,60%, aos 1.229,02 pontos.

Na Europa, as bolsas operaram em sentidos distintos, com os investidores analisando as notícias corporativas e a expectativa de recuperação da crise, além de alguns dados sobre a economia local. A bolsa de valores de Paris apresentou alta de 0,66%, a da Alemanha operou com ganhos de 0,86%, enquanto que a de Londres apresentou desvalorização de 0,29%.

No cenário corporativo, a temporada de balanços do ano de 2008 continua atraindo os investidores. A Suzano Papel e Celulose informou que, no período em questão, atingiu um prejuízo líquido de R\$ 451,31 milhões ante o saldo positivo de R\$ 536,60 milhões registrado no mesmo período do ano anterior.

A Primav Ecorodovias divulgou que em 2008, registrou um lucro líquido de R\$ 129,52 milhões, apontando queda de aproximadamente 18,95% quando comparado ao montante de R\$ 159,81 milhões registrado no ano de 2007.

A Vale e a African Rainbow Minerals Limited (ARM) anunciaram que completaram a transação para criação de uma joint venture para o futuro desenvolvimento e operação dos ativos de cobre da Teal Exploration Mining Incorporated. Essa negociação já havia sido divulgada em dezembro de 2008.

A portuguesa Partex, parceira da Petrobras em projetos petrolíferos no Brasil e em Portugal, pretende anunciar ainda este mês a comercialidade de cinco campos terrestres na bacia Potiguar, em que é parceira da estatal brasileira, afirmou na quarta-feira Álvaro Ribeiro, diretor da Partex. Segundo ele, há dois anos a Partex realiza Testes de Longa Duração (TLDs) nessas áreas no Nordeste do Brasil para avaliar o potencial dos reservatórios. A Partex é operadora dos blocos na bacia Potiguar e a Petrobras é a sua parceira nas cinco áreas terrestres, sendo que cada empresa tem cinquenta por cento de cada campo. No último leilão da ANP, a petroleira portuguesa arrematou outros dois blocos na mesma bacia.

Apesar das ações do setor de construção civil terem apresentado uma reação positiva no momento do anúncio do plano habitacional pelo Governo Federal, os papéis não sustentaram o bom desempenho e encerraram em baixa. As ações ON da Gafisa fecharam com desvalorização de 1,60%, os papéis ON da Cyrela Realt apresentaram queda de 0,12% e as ações ON da Rossi caíram 1,94%.

As ações ordinárias da Redecard estiveram novamente em evidência e encerraram entre as maiores valorizações desse pregão, reagindo à fixação do preço dos papéis que serão colocados na oferta secundária em R\$ 24,50, contrariando a expectativa de forte desconto no preço das ações. O valor da ação ficou 2,19% abaixo dos R\$ 25,05 registrados no fechamento do pregão de terça-feira na Bovespa.

As ações da Gerdau também estiveram entre os destaques positivos do pregão. Os papéis foram impulsionados principalmente pelo plano de estímulo à

construção civil, que também beneficia os fornecedores como as empresas ligadas ao setor de siderurgia. As ações PN da Gerdau apresentaram alta de mais de 5%.

O banco HSBC, o maior da Europa, advertiu na quarta-feira que pode cortar 1.200 postos de trabalho no Reino Unido após fazer uma revisão de seu negócio. A instituição, que emprega 58 mil profissionais no Reino Unido, destacou que os empregos podem ser afetados são principalmente os das áreas de informática e recursos humanos. Ao contrário de outros bancos britânicos, como o Royal Bank of Scotland e o Lloyds, o HSBC não recorreu a recursos do governo britânico no ano passado para enfrentar a crise de crédito global mas, no início de março, informou que planejava um aumento de capital de 12,5 bilhões de libras (14,125 milhões de Euros) através da emissão de novas ações para enfrentar o impacto de uma situação que considerou incerta.

O Governo sueco anunciou o fim da concessão de bônus a chefes e diretores de todas as 53 empresas estatais da Suécia. A medida foi tomada em reação à indignação generalizada provocada pelo pagamento de bônus a executivos, num momento em que a crise financeira mundial provoca cada vez mais demissões no país. A imprensa sueca tem dado grande destaque à revolta diante do pagamento de altas remunerações. O Governo quer levar a questão também ao âmbito das empresas privadas e adiantou que irá convidar executivos das principais companhias suecas a discussões sobre níveis razoáveis de remuneração a funcionários graduados.

Em mais uma medida anunciada na direção de corte de custos, a Nike afirmou que vai cancelar as encomendas a três fábricas de calçados na China e uma no Vietnã. Em comunicado, a gigante de material esportivo disse ser necessária a redução da produção, dada a conjuntura de retração da demanda mundial. Dentro desta medida está ainda a interrupção dos embarques de várias outras plantas. As localidades exatas, no entanto, não foram divulgadas pela empresa.

Na semana passada, a Nike tinha anunciado uma queda de 47% do lucro líquido referente ao terceiro trimestre fiscal. Prevendo resultados pessimistas, ela também advertira, inclusive, sobre a possibilidade da demissão de 1,4 mil funcionários.

O Departamento de Energia anunciou que os estoques de petróleo do país subiram em 3,30 milhões de barris na semana encerrada em 20 de março, ficando em 356,58 milhões. O mercado previa um aumento de 1,3 milhão de barris. Na Nymex, a commodity encerrou o dia em queda de 2,24%, cotada a US\$ 52,77 o barril.

A quinta-feira foi mais um dia positivo para os mercados brasileiros. A Bovespa retomou os 42 mil pontos, o dólar perdeu para o real e juros futuros apontaram para baixo. O tom positivo dos negócios por aqui refletiu o humor positivo nos mercados americanos e a valorização no preço das commodities. Ao fim do pregão, o Ibovespa subiu 1,89%, aos 42.588 pontos. O giro financeiro foi de R\$ 3,85 bilhões.

Ações de bancos de pequeno porte disparavam na Bovespa na quinta-feira, seguindo-se ao anúncio de um programa do governo para ampliar a capacidade dessas instituições para conceder empréstimos. Dentre os destaques, o BicBanco, o Banco ABC, o Daycoval, o Pine, e o Indusval.

Já na Bolsa de Valores de Nova York (Nyse, na sigla em inglês), o Dow Jones teve alta de 2,25%, para 7.924 pontos. O S&P500 aumentou 2,33%, a 832 pontos. E o Nasdaq Composite ganhou 3,80%, a 1.587 pontos, zerando, assim, as perdas no ano.

As bolsas de valores da Ásia terminaram a quinta-feira com valorização, impulsionadas pelos papéis de tecnologia e do setor financeiro. As ações da Elpida Memory, a maior fabricante de chips do Japão, avançaram 18% em Tóquio, com mercado se animando com a possível re-capitalização da empresa. A Sony

também foi destaque da sessão: os papéis da companhia tiveram alta de 7,4%, depois que foi mais bem avaliada pela Merrill Lynch, que previu uma melhora nos ganhos da empresa este ano. O índice Nikkei 225, de Tóquio, encerrou o pregão com alta de 1,84%, aos 8.636,33 pontos. Em Xangai, o Shanghai Composite subiu 3,06% aos 2.361,70 pontos, enquanto o Hang Seng, de Hong Kong, avançou 3,57%, aos 14.108,98 pontos. Em Seul, o Kospi verificou elevação de 1,20%, aos 1.243,80 pontos.

As bolsas de valores da Europa terminaram praticamente estáveis na quinta-feira marcada por volatilidade, conforme ganhos nos setores bancário e de mineração compensaram perdas nas ações dos segmentos de petróleo e de serviços públicos. O índice FTSEurofirst 300, referência das principais praças da região, fechou em leve alta de 0,19%, a 745 pontos, tendo variado entre 747 e 737 pontos durante o pregão. Os papéis do setor de energia apresentaram maior fraqueza: BG Group, Royal Dutch Shell e Petroplus caíram entre 1 e 1,9%. As ações do setor de serviços públicos também registraram perdas. A companhia alemã de energia E.ON recuou 1% depois que o jornal Handelsblatt divulgou, citando fontes da empresa, que o grupo e a concorrente doméstica de menor porte RWE fizeram ofertas conjuntas para adquirir três plantas nucleares britânicas. Já o segmento bancário teve valorização. Barclays, Lloyds Banking Group e HSBC dispararam de 6,7 a 13,5%. Mineradoras também apresentaram um bom desempenho, com o cobre em alta de 3,4%. Anglo American, Antofagasta, BHP Billiton, Eurasian Natural Resources Corporation, Rio Tinto e Xstrata subiram entre 0,7 e 16,9%. Em Londres, o índice Financial Times fechou em alta de 0,64%, a 3.925 pontos. Em Frankfurt, o índice DAX ganhou 0,85%, para 4.259 pontos. Em Paris, o índice CAC-40 caiu 0,05%, para 2.892 pontos. Em Milão, o índice Mibtel encerrou em alta de 1,14%, a 13.217 pontos. Em Madri, o índice Ibex-35 avançou 0,05%, para 8.076 pontos. Em Lisboa, o índice PSI20 perdeu 1,29%, a 6.156 pontos.

A divulgação de balanços continuou em voga na quinta-feira. A incorporadora Rossi Residencial informou que encerrou 2008 com lucro líquido de R\$ 119 milhões, montante 61,4% maior que o observado em 2007. Segundo a companhia, o resultado ficou dentro do planejado. A receita líquida apresentou um crescimento de 63,1%, passando de R\$ 755,9 milhões em 2007 para R\$ 1,23 bilhão em 2008. A geração de caixa medida pelo Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) totalizou R\$ 145 milhões, alta de 59% no comparativo anual, mas a margem recuou de 12,1% em 2007 para 11,7% no ano passado. Já o custo dos imóveis e serviços vendidos apresentou um aumento de 62,4%, passando para R\$ 814,4 milhões em 2008. As despesas administrativas cresceram 74,4%, totalizando R\$ 106,7 milhões em 2008, ou 8,6% da receita, e os gastos comerciais aumentaram 70%, somando R\$ 140 milhões, ou 11,4% da receita. No final de 2008, a dívida líquida somava R\$ 575 milhões, e as disponibilidades da empresa somavam R\$ 303 milhões. A companhia fechou o 2008 com 136 terrenos para futuros empreendimentos em 61 cidades. Esse estoque de terrenos equivale a um Valor Geral de Vendas (VGV) potencial de R\$ 20,3 bilhões, com a parte da Rossi correspondendo a R\$ 13,4 bilhões (66%). As ações ON da companhia encerraram o dia com valorização de 5,67%.

A empresa de logística de Eike Batista, LLX, saiu do lucro de R\$ 160,86 milhões no quarto trimestre de 2007, para um prejuízo líquido de R\$ 52,97 milhões no mesmo período do ano de 2008. Já a OGX, empresa do setor de petróleo e gás, anunciou um lucro líquido de R\$ 359,8 milhões em 2008, apontando um resultado superior aos R\$ 12,4 milhões registrados em 2007. Os papéis ON da LLX operaram com valorização, enquanto que os ON da OGX subiram 6,88% na Bovespa.

Entre as maiores altas do índice Bovespa estiveram os papéis ligados aos setores de siderurgia e construção, ainda refletindo o plano de estímulo à construção civil anunciado na quarta-feira pelo governo federal. Usiminas ON e PNA encerraram o pregão com valorização de 8,62% e 6,94%, respectivamente. Gerdau Met. PN subiram 7,85% e Gerdau PN operou com ganhos de 7,37%.

Vale ON e PNA também subiram 2,76% e 2,24%, respectivamente na quinta-feira, impulsionadas pela alta das commodities metálicas no mercado internacional.

Na outra ponta do Ibovespa, destaque para as ações de varejo, que reagiram negativamente aos dados da Associação Brasileira de Supermercados, que informou que as vendas recuaram 5,37% em fevereiro ante comparação com o mês anterior. As ações ON da B2W fecharam em queda de 4,41%, Lojas Americanas ON caiu 2,84% e Pão de Açúcar PN cedeu 1,82%.

A Petrobrás, depois de conseguir um alívio nos prazos e nas obrigações em blocos da área do pré-sal, na Bacia de Santos, busca agora uma prorrogação, de mais quatro anos, do período de avaliação das concessões. Os blocos em questão são BM-S-9, BM-S-10, BM-S-11 e BM-S-21. Trata-se da área de maior potencial petrolífero do país. O pedido foi feito em dezembro e não encontra consenso na diretoria da Agência Nacional do Petróleo (ANP), que optou por adiar a discussão sobre o assunto em uma reunião realizada na quarta-feira.

Segundo uma autoridade iraquiana, a Petrobrás pode ser convidada pelo Ministério do Petróleo do Iraque para concorrer na licitação de um contrato de exploração em um grande campo no sul do país, Nahr Bin Umar. Mesmo com o petróleo em alta no mercado internacional, as ações ON e PN da Petrobrás, encerram o dia com desvalorização de 0,15% e 0,20%, respectivamente.

O Mitsubishi UFJ Financial Group (MUFG) e Morgan Stanley pretendem unir suas atividades de títulos no Japão. A operação deve criar uma das três maiores corretoras do Japão, com 60% nas mãos do MUFG e 40% detidos pelo Morgan Stanley.

A farmacêutica suíça Roche adquiriu mais de 96% das ações da norte-americana Genentech, completando a compra do grupo de biotecnologia por 46,8 bilhões de dólares. A Roche informou na quinta-feira que detém 93% das ações em circulação da Genentech e os 3% restantes devem ser entregues nos próximos três dias úteis. A empresa informou que vai integrar o grupo norte-americano o mais rápido possível. No início deste mês, a Roche acertou a compra de 44% das ações da Genentech que ainda não possuía por 95 dólares cada, encerrando um longo processo de aquisição do grupo norte-americano e de seus lucrativos medicamentos para tratamento de câncer. A compra da Genentech pela Roche é a terceira grande aquisição de um laboratório farmacêutico este ano, após a Pfizer ter comprado a norte-americana Wyeth por 68 bilhões de dólares e o acordo de 41 bilhões de dólares da Merck com a Schering Plough.

A varejista de eletrônicos Best Buy registrou no quarto trimestre fiscal lucro líquido de US\$ 570 milhões, ou US\$ 1,35 o papel, abaixo dos US\$ 737 milhões, ou US\$ 1,71 a ação, de um ano antes. Excluindo despesas com depreciação de ativos e reestruturação, o lucro foi de US\$ 1,61 por ação, enquanto alguns analistas previam US\$ 1,4 o papel. A receita cresceu 10% no quarto trimestre fiscal em comparação com igual período do calendário antecedente, para US\$ 14,7 bilhões. A Best Buy disse que as vendas de produtos mais lucrativos, como celulares, ajudou a compensar os cortes nos gastos discricionários pelos consumidores. As vendas nos estabelecimentos abertos há pelo menos um ano declinaram 4,9%. Para 2010 fiscal, a Best Buy projeta lucro de US\$ 2,50 a US\$ 2,90 por papel.

A The New York Times Company, responsável por um dos jornais mais importantes do mundo, demitiu 100 pessoas na quinta-feira e reduziu os salários dos funcionários restantes em 5% pelo resto do ano. A empresa disse ainda que, se não conseguir que seus funcionários sindicalizados concordem com uma redução semelhante, pode ser obrigada a cortar empregos na redação do jornal que leva seu nome.

As negociações da IBM para adquirir a Sun Microsystems continuam a acontecer e podem se estender além da próxima semana. A IBM continua examinando as operações da Sun, como parte de seu processo de diligência. Nenhuma das companhias confirmou as negociações, apesar de fontes terem dito à Reuters que os dois lados estão negociando um acordo que impulsionaria os negócios de servidores e softwares da IBM.

Na Nymex, o preço do barril de petróleo refletiu o movimento das bolsas de valores e fechou o dia com alta de 2,99%, sendo negociado a US\$ 54,35.

Na sexta-feira, o Ibovespa operou no campo negativo, em um movimento de realização de lucros. Os investidores aproveitaram o último pregão da semana para embolsar os ganhos obtidos nos últimos pregões. Em dia de poucos indicadores da economia, as atenções dos investidores estiveram voltadas para a continuidade da temporada de balanços do ano de 2008. A Bovespa fechou a sexta-feira em queda de 1,60%, aos 41.907 pontos.

As bolsas de valores da Ásia terminaram a sexta-feira sem uma tendência comum. Alguns agentes preferiram embolsar ganhos recentes enquanto outros se voltaram para as perspectivas da economia mundial. Em Tóquio, o índice Nikkei 225 fechou em queda de 0,11%, aos 8.626,97 pontos. Em Seul, o Kospi também teve perda, de 0,51%, aos 1.237,51 pontos. Em direção oposta, o Shanghai Composite, de Xangai, subiu 0,54%, aos 2.374,44 pontos, enquanto o Hang

Seng, de Hong Kong, encerrou as operações quase estável, com leve ganho de 0,07%, aos 14.119,50 pontos.

Na Europa, as bolsas operaram em queda na sexta-feira, influenciadas negativamente por ações de empresas ligadas ao setor financeiro e de telecomunicações. A bolsa de Paris fechou com recuo de 1,77%, a de Londres caiu 0,67% e na Alemanha, a desvalorização foi de 1,31%.

Nos Estados Unidos, as bolsas de valores também fecharam no campo negativo, em dia de realização de lucros. Um dos destaques da sexta-feira foi o encontro do presidente Barack Obama com as principais lideranças de importantes bancos do país, com o intuito de obter o apoio destas instituições e explicar como deve ser o seu plano de estabilização do sistema financeiro.

No cenário corporativo doméstico, o dia foi repleto de resultados referentes ao ano de 2008. O impacto negativo das perdas com derivativos fizeram com que a maior fabricante de celulose de eucalipto do mundo, Aracruz, informasse na sexta-feira prejuízo líquido de 2,982 bilhões de reais no quarto trimestre, ante resultado positivo de 187,3 milhões de reais um ano antes. A companhia encerrou 2008 com prejuízo líquido de 4,194 bilhões de reais, contra ganho de 1,044 bilhão de reais em 2007. A empresa, que está se integrando com a Votorantim Celulose e Papel, teve geração de caixa medida pelo lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês), incluindo 50% do resultado da Veracel, de 397,3 milhões de reais nos últimos três meses de 2008. Um ano antes, esse resultado havia sido de 428,8 milhões de reais. A margem Ebitda entre os períodos passou de 45 para 43%. A companhia afirma ter eliminado 97% da exposição com derivativos em novembro e fechado acordo com bancos em 19 de janeiro para reestruturação da dívida, em um prazo de nove anos. A dívida líquida da companhia, incluindo Veracel, atingiu 8,683 bilhões de reais em dezembro de 2008, um salto de 292% sobre a dívida de 2,216

bilhões de reais no mesmo período de 2007. A receita líquida da empresa alcançou 932,7 milhões de reais nos três últimos meses do ano, com queda de 3% sobre igual intervalo de 2007. As vendas da companhia também recuaram na comparação anual, de 3,647 bilhões de reais em 2007 para 3,466 bilhões de reais em 2008 (queda de 5%). As vendas de celulose em volume tiveram queda de 1% no trimestre e de 6% na comparação de todo o ano. Já as vendas de papel tiveram alta de 7% no último trimestre sobre igual período de 2007, mas queda de 3% na comparação anual. Os papéis PNB da Aracruz fecharam em queda de 7,27%.

A Usiminas captou US\$ 200 milhões, 19,6 bilhões de ienes, na primeira transação com participação do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) distribuída para investidores no Japão. O prazo de financiamento é de oito anos e o custo aproximado de Libor (taxa interbancária de Londres) em ienes mais 1,5% ao ano, informou a empresa, por meio da assessoria de imprensa. O financiamento é destinado à nova termelétrica a ser construída em Santana do Paraíso - MG, com capacidade de até 250 MW. Com a transação, a Usiminas conseguiu um aumento em sua base de investidores além de captar por longo prazo a um custo competitivo, ainda segundo a assessoria de imprensa da empresa.

A Embraer encerrou o quarto trimestre de 2008 com prejuízo líquido de R\$ 40,6 milhões, invertendo a direção tomada em igual período de um ano antes, quando teve lucro líquido de R\$ 399,7 milhões. O lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês) somou R\$ 564,4 milhões, passando os R\$ 501,7 milhões dos três últimos meses de 2007. A receita líquida situou-se em R\$ 4,139 bilhões no trimestre final de 2008 ante os R\$ 3,298 bilhões de mesmo intervalo do calendário antecedente. Nos três meses até dezembro do ano passado, a carteira de pedidos firmes somou US\$ 20,9 bilhões, com decréscimo de 3,2% em relação ao trimestre anterior, já refletindo os impactos da crise econômica mundial. No intervalo, foram vendidas 11 aeronaves

comerciais, ou cerca de 10% do total de 112 novos pedidos assinados em 2008. No calendário passado completo, a fabricante brasileira de aviões ganhou R\$ 428,8 milhões, menos da metade do que o registrado no exercício antecedente, ocasião em que obteve lucro de R\$ 1,185 bilhão. A empresa registrou ainda Ebitda de R\$ 1,499 bilhão em 2008, acima do R\$ 1,322 bilhão dos 12 meses antecedentes. A margem Ebitda saiu de 13,2% para 12,8%. A receita líquida cresceu para R\$ 11,746 bilhões em relação aos R\$ 9,993 bilhões de 2007. A Embraer informou ainda que entregou no ano passado 204 jatos para os mercados de aviação comercial, executiva e defesa e governo, superando em 20,7% às 169 aeronaves enviadas em 2007. O montante apresentado pela empresa em 2008 decepcionou os investidores e com isto, as ações ON da fabricante de aviões lideraram as desvalorizações do Ibovespa.

A construtora Cyrela Realt divulgou que registrou um lucro líquido de R\$ 277,71 milhões em 2008, um recuo de 28% ante os R\$ 386,76 milhões apurados em 2007.

Outra empresa que divulgou seus resultados foi a Bradespar, que no ano de 2008 apurou um lucro líquido de R\$ 1,13 bilhão, tendo um avanço de 3,8% se comparado ao montante de R\$ 1,08 bilhão apresentado no ano anterior.

A Eletropaulo anunciou, no fim do pregão de quinta-feira, que registrou em 2008 um lucro líquido de R\$ 1,03 bilhão, uma alta de 44% se comparado aos R\$ 712,63 milhões alcançados no ano de 2007. As ações PNB da Eletropaulo fecharam em alta de 2,89%, liderando as maiores valorizações da sessão.

Fora do Ibovespa, as ações PN da Uol encerraram estáveis no pregão de sexta-feira. No acumulado de 2008, a empresa anunciou uma retração de 12% em seu lucro líquido, somando um resultado de R\$ 96,19 milhões. Em 2007, a Uol havia lucrado R\$ 109,38 milhões.

A Vale informou que irá lançar um projeto de carvão, no valor de US\$ 1,3 bilhão em Moçambique, na África. A capacidade produtiva deste projeto será de 11 milhões de toneladas de carvão ao ano. Apesar disso, as ações ON e PNA da mineradora brasileira encerraram em queda de 2,54% e 1,80%, respectivamente, influenciadas pelo recuo das commodities metálicas no mercado internacional.

A Yakult, fabricante japonesa de leite fermentado, fechou sua divisão de cosméticos no Brasil, depois de quase dez anos de operação mal sucedida no país. Com um modelo similar aos de empresas como Natura e Avon, de vendas porta a porta, a Yakult Cosmetics começou a atuar em 1999 com produtos importados do Japão. Depois, passou a fabricar no país, em sua unidade em São Bernardo do Campo, na Grande São Paulo. A área deixou de ser interessante, segundo a empresa, por causa da crise econômica e da alta nos custos de importação de matéria-prima.

IBOVESPA - Maiores na SEMANA

Altas	Preço	(%)	Baixas	Preço	(%)
Usiminas ON	27,27	17,55	Gol PN	6,93	-11,16
Usiminas PNA	29,95	16,25	B2W Varejo ON	21,30	-9,71
Gerdau PN	13,38	15,75	Telemar N L PNA	51,00	-6,45
Gerdau Met. PN	17,45	15,18	Lojas Renner ON	14,51	-4,47
Redecard ON	28,50	12,42	Tam S.A. PN	14,12	-4,46
BMF Bovespa ON	7,45	11,87	Vivo PN	32,50	-4,12
Banco do Brasil ON	17,00	10,86	Cosan ON	10,42	-3,51
Unibanco Unit	15,24	10,28	Tim Part. S.A. PN	2,93	-2,97
Rossi Resid. ON	3,84	10,02	Lojas Americanas PN	6,56	-2,96
Bradesco PN	23,58	9,62	Perdigão ON	30,06	-2,87

Maiores no ANO

Altas	Preço	(%)	Baixas	Preço	(%)
Telemig Part. PN	43,05	48,47	Aracruz PNB	1,53	-38,55
Petrobras ON	37,05	34,79	Vcp PN	11,05	-38,37
Petrobras PN	29,60	29,60	Gol PN	6,93	-30,07
NET PN	17,07	28,57	Tam S.A. PN	14,12	-26,03
Eletropaulo PNB	32,41	27,09	Sadia S.A. PN	3,01	-19,73
Sid. Nacional ON	34,49	25,90	Embraer ON	7,43	-15,66
BMF Bovespa ON	7,45	25,07	Klabin S.A. PN	2,88	-12,98
Tim Part. S.A. ON	6,03	22,82	Gerdau Met. PN	17,45	-12,81
Natura ON	22,47	22,41	Gerdau PN	13,38	-10,85
Banco do Brasil ON	17,00	19,66	Cesp PNB	13,50	-10,53

Fatos econômicos da semana seguinte

SEGUNDA-FEIRA 30/03
FGV: IGP-M (março)
BACEN: Relatório Trimestral de Inflação (primeiro trimestre de 2009)
BACEN: Pesquisa Focus
CNT/Sensus: Pesquisa de avaliação do governo (96ª edição)
Tesouro: Resultado primário do Governo Central (fevereiro)
Zona do Euro: Confiança do consumidor (março)
Zona do Euro: Indicadores de clima para os negócios (março)
Zona do Euro: Trichet discursa no parlamento europeu
Reino Unido: Confiança do consumidor GFK (março)
Japão: Produção industrial (fevereiro)
Japão: Taxa de desemprego (fevereiro)
TERÇA-FEIRA 31/03
FGV: Sondagem da indústria (março)
BACEN: Nota à imprensa - Política Fiscal (fevereiro)
EUA: Índice de preços de imóveis S&P/Case-Schiller (janeiro)
EUA: Gerentes de compras de Chicago (março)
EUA: Confiança do consumidor (março)
Zona do Euro: Índice de preços ao consumidor (CPI) (março)
Alemanha: Taxa de desemprego (março)
China: PMI - Manufaturados (março)
QUARTA-FEIRA 01/04
FGV: IPC-S (março)
IBGE: Pesquisa industrial mensal (PIM) (fevereiro)
Secex: Balança comercial (março)
BACEN: Fluxo cambial (semanal)
ACSP: Indicadores de inadimplência e crédito (março)
ONS: Carga de energia verificada (março)
EUA: Dados do setor hipotecário (semanal)
EUA: Pesquisa de emprego da ADP (março)
EUA: ISM - Indústria (março)

EUA: Vendas de imóveis pendentes (fevereiro)
EUA: Gastos com construção (fevereiro)
EUA: Estoques de petróleo e derivados (semanal)
EUA: Venda total de veículos (março)
EUA: Venda doméstica de veículos (março)
Zona do Euro: PMI - Manufaturados (março)
Zona do Euro: Taxa de desemprego (fevereiro)
Alemanha: Vendas no varejo (fevereiro)
Alemanha: PMI - Manufaturados (março)
Reino Unido: PMI - Manufaturados (março)
QUINTA-FEIRA 02/04
Fipe: IPC (março)
Fenabreve: Emplacamento de veículos (março)
EUA: Pedidos de auxílio desemprego (semanal)
EUA: Encomendas da indústria (fevereiro)
Zona do Euro: BCE anuncia taxa de juros
Início das reuniões do G20
SEXTA-FEIRA 03/04
EUA: Taxa de desemprego (março)
EUA: Rendimento médio por hora (março)
EUA: Média de horas trabalhadas na semana (março)
EUA: Variação na folha de pagamento (payroll) (março)
EUA: ISM - Serviços (março)
Zona do Euro: PMI - Serviços (março)
Alemanha: PMI - Serviços (março)
Alemanha: Índice de preços de importação (PPI) (fevereiro)
Reino Unido: PMI - Serviços (março)

Yann Le Boulluec Alves – ECONOMISTA CHEFE

yann.alves@grupofundamentum.com.br

TERMO DE EXONERAÇÃO DE RESPONSABILIDADE

Este documento tem como objetivo servir de base para a discussão de elementos do ambiente econômico e setorial, através da compilação de informações e exposição de análises e de pontos-de-vista.

Tomamos os melhores cuidados com a confiabilidade das informações e de suas fontes, mas não podemos garantir a exatidão das mesmas ou das análises realizadas sobre elas. Todas as informações aqui contidas a título de "projeção" ou "previsão" se referem a análises com base em elementos e tendências atuais, cujos pressupostos podem mudar significativamente ao longo do tempo. O Grupo Fundamentum e suas coligadas não se responsabilizam por decisões tomadas com base neste relatório. Tanto o Grupo Fundamentum e suas coligadas quanto seus eventuais colaboradores e consultores, bem como convidados que figuram neste relatório, podem manter posições em ativos mencionados neste documento, bem como podem estar participando ou ter participado de projetos de consultoria/assessoria relacionados a organizações e pessoas aqui mencionadas. Os profissionais que figuram neste documento não são, necessariamente, vinculados ao Grupo Fundamentum e suas coligadas em qualquer aspecto. Ainda, no caso deste conteúdo ser distribuído no âmbito de contrato entre Grupo Fundamentum e suas coligadas e Internet Securities do Brasil Ltda (Grupo Euromoney), o Grupo Fundamentum e suas coligadas garantem ter os direitos de utilização econômica e/ou autorais relativos a este material, ou autorização, exceto aqueles dados que estiverem em domínio público. Se o documento foi recebido por engano, ou se não deseja mais recebê-lo, queira responder à mensagem eletrônica com ordem de interrupção do envio como "deletar", ou enviar e-mail com esta solicitação para yann.alves@grupofundamentum.com.br. Este documento não se destina a oferecer ou solicitar compra ou venda de quaisquer bens ou serviços.